

REDE SOLIDÁRIA

Quando a fome e a vontade de comer se transformam numa rede de solidariedade

TÍTULO: Rede de Cooperação e Comercialização Solidária

IDENTIFICADOR: Rede Solidária

CATEGORIA: Melhoria dos Padrões de Produção e Consumo, Erradicação da Pobreza, Desenvolvimento Econômico

PROGRAMA/AÇÃO: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF

GESTOR: Ministério do Desenvolvimento Agrário

MUNICÍPIO/UF: Pelotas/RS

POPULAÇÃO BENEFICIADA: 22.334 habitantes

INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL: Instituição Sinodal de Assistência, Educação e Cultura / Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor Isaec/Capa

**“A gente não quer só comida,
a gente quer saída para qualquer parte”.
(Titãs)**

A sete metros do nível do mar, numa planície gaúcha, Pelotas, a “cidade dos alimentos” assiste aos poucos o segredo da multiplicação. Mas, desta vez, não é milagre. A “Rede Solidária” que se forma para levar comida a mais de 22 mil pessoas da região, é fruto da determinação de 3.500 famílias de agricultores, assentados de reforma agrária, quilombolas e pescadores que descobriram, na prática, o significado de unir a fome com a vontade de comer. Elegeram a cooperação como prioridade para a sobrevivência deles próprios e de quem mais precisa.

A Rede Solidária se forma numa região que há mais de dois séculos vive os altos e baixos da ocupação territorial. No séc. XIX, teve seu auge econômico com as charqueadas e a mão-de-obra escrava. No século XX, foi a vez da estagnação econômica e do empobrecimento da população. Foi um período decadente para quem já não tinha muitos recursos. Época marcada por intensa desigualdade social. Famílias inteiras migram para a cidade, Pelotas, e cria-se ali uma situação de miséria.



Voluntários distribuindo os alimentos para pessoas da periferia.

Século XXI, 2003. Pequenos agricultores lutam para vender seus produtos e descobrem com quantos parceiros se faz uma rede de solidariedade. “Nós temos aqui uma parceria em que as pessoas compreenderam que elas, engajadas ao projeto, é que são beneficiadas, são emancipadas”, explica Jorge Antônio Signorini, pastor evangélico responsável por 18 paróquias da região.

Emancipados e fortalecidos. Os agricultores familiares conseguem o apoio de comunidades religiosas, da prefeitura de Pelotas e da ONG CAPA – Centro de Capacitação do Pequeno Agricultor. Aos poucos, a população rural, que produz, se aproxima de população urbana, que consome, e os alimentos dos pequenos chegam à população pobre da cidade. No espaço de um ano, 1.200 toneladas de alimento são produzidas, sendo 70% delas com base agroecológica. Famílias historicamente marginalizadas, como as comunidades Quilombolas, protagonizam a Rede. “São famílias que têm problema de renda, comunidades excluídas, especialmente as comunidades quilombolas.



São produtores que têm extrema dificuldade no trato com o mercado, são muito sujeitos aos atravessadores”, explica o prefeito de São Lourenço do Sul, José Nunes de Almeida.

A comercialização é garantida com a chegada do programa Fome Zero que compra os alimentos por meio do Programa de Aquisição de Alimentos da CONAB, e doa simultaneamente para a população carente. Seu Delerci Prestes, pequeno agricultor, conhece bem o caminho do alimento até chegar à mesa de quem precisa: - “Esses produtos vão passar por um colégio, pela creche, e vão passando

nas sacolas e vão lá para as cidades pequenas onde as pessoas estão esperando”. Pessoas que esperam e aprendem. Recebem mais do que alimentos, tendo acesso também a cursos de formação para o trabalho e orientações básicas de saúde, educação promovidos pela própria comunidade.

**“A gente tinha de perguntar: o que é que há na terra?
Claro: só havia na terra aquilo que
havia sido plantado”
(A Terra, Rubem Alves)**

A rede se fortaleceu. A garantia de venda e a valorização do produto, por meio do preço pago ao agricultor, refizeram a auto-estima nas comunidades rurais e urbanas. Na cidade, quem se beneficiou com a solidariedade aprendeu também a produzir, ampliando a produção ecológica e fortalecendo a sua organização. “E muitos que antes recebiam o alimento na sua comunidade agora estão produzindo o seu próprio alimento”, resume Fábio André Mayer, engenheiro agrônomo.

VERDE COMUNITÁRIO



Horta comunitária: agricultores utilizam técnicas de cultivo orgânico.

Em pouco mais de um hectare e meio, o verde se multiplica e alimenta as vidas de 14 famílias da periferia de Pelotas e quem mais vier. Alimento para o corpo e para alma. “Eu planto alface, cebola. Também vendo, eu ganho uma porcentagem para vender. Ajudo a comunidade. Às vezes, está sobrando e eu também dou para o pessoal da vila”, diz Luiz Carlos Ferreira Brizolara, voluntário. Na horta comunitária, um ajuda o outro e todos se beneficiam. Os produtos são vendidos pela

metade do preço para que todos possam comprar. A horta comunitária enche os olhos de quem mora na região e seis famílias já aguardam ansiosas o momento de poder também participar do plantio. “Recentemente, a gente adquiriu madeira e vamos fechar mais um pedaço da área, vamos trazer essas famílias e inserir na nossa horta comunitária”, planeja Francisco de Paula Silva Amaral, técnico agropecuário.

DOCE SABOR

Maria Valéria e Carmen enchem os potes de doce de melancia com laranja. Há dois anos, essa é a rotina dessas duas mulheres que junto com outras sete famílias participam da Agroindústria de Doces Artesanais. O início foi num local improvisado, cedido pela CAPA. Até sede própria elas já têm. “Agora já melhorou bastante, porque como é um prédio maior, a gente tem capacidade de produzir maior quantidade de doces e sucos por mês e com isso se conseguiu acessar mercados melhores”, anima-se Maria Valéria. A agroindústria



Cursos de capacitação: chance para melhorar de vida.

recebe as frutas das famílias de produtores, industrializa e entrega os doces à Cooperativa Sul-Ecológica em Pelotas, que por sua vez, repassa o produto ao Fome Zero, fazendo-o chegar às comunidades carentes. As doceiras comemoram, o Ministério da Agricultura já aprovou os rótulos definitivos para o produto. “Está melhorando a vida para todos nós, que somos pequenos agricultores - e a gente quer continuar vivendo aqui no interior - e para as futuras gerações”, diz Maria Valéria.

